

(GEO)GRAFIAS DA CIDADE QUE NÃO HABITA EM MIM: IMAGENS E NARRATIVAS DOS ALUNOS DA ROÇA

■ HAMILTON RIBEIRO DE SOUZA

 <https://orcid.org/0000-0002-4461-6873>

Universidade do Estado da Bahia

RESUMO

O texto tenciona discutir as representações sobre a cidade construídas pelos jovens rurais durante a etapa de escolarização urbana. Assim, busca-se analisar as leituras que estes sujeitos, que constroem e experienciam diversas ruralidades e múltiplas territorialidades, fazem da cidade, refletindo sobre as influências na sua formação. Sabe-se que os alunos da roça, para dar continuidade aos estudos, realizam um rito de passagem, deslocando-se, diariamente, para as escolas urbanas. Nesse movimento diário, espacializam e territorializam, para sua segurança, determinados espaços da cidade, sem uma apropriação efetiva deste lugar. A investigação fundamenta-se na abordagem (auto)biográfica, utilizando-se de fotografias, grupos de discussão e entrevistas narrativas como dispositivos de pesquisa. O estudo revela, através das narrativas (auto)biográficas, que a cidade – utilizada nos percursos entre o ponto do transporte rural e a escola, durante os trajetos feitos com pressa para realizar determinadas atividades, e no reduzido conhecimento dos seus logradouros, não é vista como um lugar pelos alunos, à medida que possuem uma ligação identitária com a roça – o seu habitar. Enfim, os alunos da roça apenas utilizam a cidade como valor de troca (uso e consumo dos lugares, bens e símbolos), sem se apropriar e se identificar com este espaço, que não os habita.

Palavras-chave: Geografia. Cidade. Alunos da roça. Habitar. Abordagem (Auto)biográfica.

ABSTRACT

(GEO) GRAPHIES OF THE CITY THAT DOES NOT INHABIT ME: IMAGES AND NARRATIVES OF THE STUDENTS OF THE COUNTRYSIDE

The text intends to discuss the representations of the city constructed by rural young people during the urban schooling stage. It seeks to analyze the readings that these individuals, who construct and ex-

perience diverse ruralities and multiple territorialities, make of the city, reflecting on the influences on their education. It is known that students from the countryside, in order to continue their studies, perform a rite of passage, moving daily to urban schools. In this daily movement, they spatialize and territorialize certain spaces in the city for their own safety, without actually appropriating this place. The research is based on the (auto)biographical approach, using photographs, discussion groups and narrative interviews as research devices. The study reveals, through the (auto)biographical narratives, that the city - used in the journeys between the rural transport stop and the school, during the journeys made in a hurry to carry out certain activities, and in the reduced knowledge of its streets - is not seen as a place by the students, as they have an identity link with the countryside - their dwelling place. Finally, the students from the countryside only use the city as an exchange value (use and consumption of places, goods and symbols), without appropriating and identifying with this space, which does not inhabit them.

Keywords: Geography. City. Rural students. Inhabiting. (Auto)biographical approach.

RESUMEN (GEO) GRAFÍAS DE LA CIUDAD QUE NO ME HABITA: IMÁGENES Y NARRATIVAS DE LOS ESTUDIANTES DEL CAMPO

El texto intenta discutir las representaciones de la ciudad construidas por jóvenes rurales durante la etapa de escolarización urbana. Busca analizar las lecturas que estos individuos, que construyen y experimentan ruralidades diversas y territorialidades múltiples, hacen de la ciudad, reflexionando sobre las influencias en su educación. Se sabe que los estudiantes del campo, para continuar sus estudios, realizan un rito de pasaje, desplazándose diariamente a las escuelas urbanas. En este desplazamiento diario, espacializan y territorializan determinados espacios de la ciudad para su propia seguridad, sin apropiarse realmente de este lugar. La investigación se basa en el enfoque (auto)biográfico, utilizando fotografías, grupos de discusión y entrevistas narrativas como dispositivos de investigación. El estudio revela, a través de las narrativas (auto)biográficas, que la ciudad -utilizada en los trayectos entre la parada de transporte rural y la escuela, durante los viajes realizados con prisa para realizar determinadas actividades, y en el reducido conocimiento de sus calles- no es vista como un lugar por los alumnos, ya que tienen un vínculo identitario con el campo -su lugar de residencia-. En definitiva, los alumnos del

campo sólo utilizan la ciudad como valor de cambio (uso y consumo de lugares, bienes y símbolos), sin apropiarse e identificarse con este espacio, que no les habita.

Palabras clave: Geografía. Ciudad. Estudiantes rurales. Habitar. Enfoque (auto)biográfico.

Introdução

A tessitura deste artigo tenciona apresentar um recorte da pesquisa, intitulada *A cidade que não habita em mim: diversas ruralidades, múltiplas territorialidades e narrativas de alunos da roça sobre a cidade*¹, em 2018, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – Universidade do Estado da Bahia (PPGEduC/UNEB) e ao Projeto de Pesquisa *Multisseriação e trabalho docente: diferenças, cotidiano escolar e ritos de passagem*², desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa (Auto)Biografia, Formação e História Oral (GRA-FHO)³, que objetivava analisar a representação da cidade pelos alunos da roça³, a fim de refle-

tir sobre as leituras que estes sujeitos, que vivem diversas ruralidades e múltiplas territorialidades, faziam da cidade de Castro Alves/BA, utilizada para conclusão do ensino médio e outras atividades.

Um diálogo entre o viajante Marco Polo e Kublai Khan, o imperador dos tártaros, sobre as diversas cidades que já visitou – cidades imaginárias e fantásticas que carregam sempre algo da cidade natal do viajante: Veneza, nos serve de comparativo e justificava para a relevância das discussões efetuadas nesta pesquisa:

Você reprova o fato de que as minhas histórias o transportam para o meio de uma cidade sem falar a respeito do espaço que separa uma da outra: se é coberto por mares, campos de centeio, florestas de lariços, pântanos. Responderei com uma história.

Pelas ruas de Cecília, cidade ilustre, uma vez encontrei um pastor que conduzia rente aos muros um rebanho tilintante.

– Bendito homem do céu – parou para me perguntar –, saberia me dizer o nome da cidade em que nos encontramos?

– Que os deuses o acompanhem – exclamei. Como é possível não reconhecer a ilustríssima cidade de Cecília?

– Perdoe-me – o outro respondeu –, sou um pastor em transumância. Às vezes ocorre de que eu e as cabras atravessarmos cidades, mas não sabemos distingui-las. Pergunte-me o nome dos pastos: conheço todos, o Prado entre as Rochas, o Declive Verde, a Grama à Sombra. Para mim as cidades não têm nome: são lugares sem folhas que separam um pasto do outro e onde as cabras se assustam nas encruzilhadas e de-

1 Pesquisa de doutoramento financiada pela FAPESB e realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade, na Linha 2 – Educação, Práxis Pedagógica e Formação do Educador, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus I, em Salvador/BA. Projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, da UNEB, sob (CAAE) nº 59881416.0.0000.0057.

2 O projeto “Multisseriação e trabalho docente: diferenças, cotidiano escolar e ritos de passagem” contou com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), no âmbito do Edital 028/2012 – Prática Pedagógicas Inovadoras em Escolas Públicas e do MCTI/CNPq, no âmbito da Chamada Universal nº. 14/2014 e atualmente conta com financiamento do MCTI/CNPq, Edital Nº 28/2018, processo 423515/2018-7, sendo desenvolvido e coordenado pelo Grupo de Pesquisa (Auto)biografia, Formação e História Oral (GRAFHO/UNEB), sob supervisão do professor Elizeu Clementino de Souza, da Universidade do Estado da Bahia. Com o objetivo de desenvolver estudos sobre o cotidiano escolar e as condições de trabalho docente em classes multisseriadas e escolas rurais e urbanas que acolhem egressos de escolas rurais.

3 A opção pela referência alunos da roça, deve-se ao entendimento de que a roça é muito mais que plantação ou lavoura, também significa localidade, propriedade/terreno, local de trabalho e referência identitária, entendida assim como uma ruralidade específica ligada à referência com a terra e com os diversos contextos rurais (Santos, 2005).

bandam. Eu e o cachorro corremos para manter o rebanho unido.

– Ao contrário de você – afirmei –, só reconheço as cidades e não distingo o que fica fora. Nos lugares desabitados, as pedras e o prado confundem-se aos meus olhos com todas as pedras e prados [...] (Calvino, 1990, p. 138).

Nas narrativas de Polo, o imperador sente falta das descrições dos outros espaços, daqueles que ligam uma cidade à outra – os espaços campestres, marítimos, florestais, serranos, desérticos, dentre outros. Marco Polo, então, narra sobre a cidade de Cecília e seu encontro com um pastor cabras em migração sazonal, enfatizando como cada um descreve, reconhece e valoriza os espaços com os quais têm mais relação e onde constroem a sua história de vida e identidade (Calvino, 1990).

Nesse sentido, a história da cidade de Cecília (*op. cit.*), desconsiderando o realismo fantástico da obra, traz certas similaridades com as trajetórias dos alunos da roça que realizam o rito de passagem⁴ para estudar na escola da cidade. Do mesmo modo que Marco Polo, os professores de Geografia da escola urbana têm a cidade como conteúdo central nas aulas, muitas vezes desconsiderando ou não dando a relevância necessária para as histórias de vida, relações socioespaciais e leituras de si e do mundo construídas noutros contextos, neste caso, a roça. Do outro lado, os alunos da roça, assim como o pastor de cabras em migração, também atravessam e percorrem a cidade, como migrantes pendulares, sem identificar os espaços e também sem se reconhecer e se integrar plenamente à cidade.

4 Marco simbólico ou transição social, e deve ser compreendido como a representação de uma transformação, à medida que o sujeito – neste caso o aluno da roça que chega à escola urbana –, passa por um processo de reconfiguração de si, abandonando ou substituindo a sua identidade, as concepções e os saberes que norteiam seus modos de ser, viver e ler o mundo para se adequar a uma nova identidade, a partir da ideologia apresentada/imposta pela escola da cidade (Van Gennepe, 2008).

O cerne da história contada por Calvino (1990) fundamentou o projeto que originou esta pesquisa, pois, ao sair da posição do professor de Geografia – que se compara à posição do viajante Marco Polo e suas narrativas sobre as cidades –, assumi a posição do pesquisador – que se assemelha a do imperador Kublai Khan, com sua interpelação e reflexão sobre as visões e leituras parciais do espaço –, a fim de questionar os motivos e implicações da desconsideração, negação e invisibilidade nas salas de aula dos contextos, vidas, trajetórias, relações e leituras de mundo construídas pelos alunos da roça. Segundo Arroyo (2014), estes desencontros, tensões e confrontos são motivados pela chegada e/ou presença de outros sujeitos que trazem outras indagações e leituras de mundo ao ambiente escolar e às universidades, incitando e produzindo novas reflexões sobre o pensar e fazer pedagógico.

Santos (1994) esclarece que o espaço geográfico deve ser compreendido como um sistema de objetos e sistema de ações. Assim, as análises sociais devem se pautar não no território em si, mas, sim, ter como objeto de investigação o seu uso, ou seja, como os sujeitos se movimentam, usam e se apropriam dos espaços, territórios e lugares. Sem levar em conta os sujeitos e suas ações, as análises sociais do espaço perdem o sentido, pois apenas descreverão a paisagem e o tempo. Massey (2008) também discute sobre a necessidade da mudança de percepção e análise, pois a vida é tanto espacial quanto temporal, sendo o espaço uma produção aberta, formado por trajetórias e histórias entrelaçadas e sobrepostas.

Por fim, é preciso refletir e compreender como os alunos da roça utilizam e se apropriam dos espaços da cidade, produzindo múltiplas espacialidades e territorialidades⁵.

5 Espacialidade é o momento das relações sociais geografizadas, ou seja, a incidência do sujeito ou dos grupos sobre determinado arranjo espacial – território ou lugar. Ela é funcional, mutável e circunstancial,

Quais são as leituras, usos e referências que estes sujeitos fazem na/da cidade nos trajetos que realizam quando a frequentam para estudar. Segundo Lynch (2011), a cidade não deve ser analisada como uma coisa em si, mas como a percebem seus habitantes e seus usuários, que nesse trabalho são os alunos da roça. Analisar e interpretar as grafias (imagens e narrativas) da cidade produzidas pelos alunos da roça é valorizar as outras leituras que estes sujeitos fazem do espaço circundante, compreendendo como a cidade é vista, lida e também influi na sua trajetória formativa e vivencial.

Habitar ou não um lugar, eis a questão!

Goiás, minha cidade...
 Eu sou aquela amorosa
 de tuas ruas estreitas,
 curtas,
 indecisas,
 entrando,
 saindo
 uma das outras.
 [...]
 Eu vivo nas tuas igrejas
 e sobrados
 e telhados
 e paredes.
 Eu sou aquele teu velho muro
 verde de avencas
 onde se debruça
 um antigo jasmineiro,
 cheiroso
 na ruína pobre e suja.
 Eu sou estas casas
 encostadas
 cochichando umas com as outras.
 [...]
 Minha vida,
 meus sentidos,
 minha estética,

um presente fugindo. No entanto, quando estas relações sociais cotidianas entre os sujeitos e destes com espaço visam a ocupação ou apropriação, mesmo que transitórias, criam-se as territorialidades (Santos, 1997).

todas as virações
 de minha sensibilidade de mulher,
 têm, aqui, suas raízes.
 [...]
 (Cora Coralina – Minha Cidade, 1993, p. 47-48).

O poema de Cora Coralina para sua cidade natal ratifica as discussões de Heidegger (2012) sobre habitar poeticamente o espaço, pois a poesia seria uma tomada de medida da essência do poeta em relação ao universo que o rodeia. A poesia traz o indivíduo para a terra, para habitar seu espaço, sua essência. Assim, Cora Coralina (1993) descreve que tem ali, na cidade de Goiás, suas raízes, que estão repletas de sentidos, experiências, aparências, proporções e medidas. Nos versos do poema, ela, poeticamente, nos explica o que é habitar um lugar, e como este a habita, tendo seu corpo, mente e espírito interagindo e integrados ao próprio espaço: “[...] Eu sou aquela amorosa de tuas ruas estreitas. [...] Eu vivo nas tuas igrejas e sobrados. [...] Eu sou aquele velho muro. [...] Eu sou essas casas encostadas cochichando umas com as outras [...]” (1993, p. 47-48).

Heidegger (2012) afirma que habitar é estar em liberdade, pacificado no pertencimento a determinado espaço, que resguardamos e velamos, pois o traço essencial do habitar é o resguardo pelo lugar. O habitar acontece propriamente quando mantemos respeito pela quadratura: salvar a terra, acolher o céu, aguardar os deuses e conduzir os mortais. Nesse sentido, habitamos efetivamente determinado espaço quando criamos laços e protegemos o lugar, temos a ciência de nossa mortalidade e a medida de nossa essência perante o universo, bem como nos relacionamos com os outros sujeitos para construção desse espaço, o qual também nos constrói e nos habita.

Mas como se estrutura o habitar, essa construção de lugares dentro de nós? Cerateau (2014) afirma que só há lugar, e, portanto, o habitar, quando o espaço é composto e

frequentado por espíritos múltiplos, que ficam escondidos em silêncio, mas que sempre se pode evocar ou não. São como “presenças de ausências” (Certeau, 2014, p. 175), à medida que guardam, mesmo de forma fragmentada, como um quebra-cabeça, as histórias, experiências e as relações pessoais e coletivas, que os sujeitos sempre procuram encaixar os pedaços nos percursos e observações cotidianas que efetua ao percorrer o espaço vivido. Cora Coralina (1993) explicita, no seu poema, como é montar esse quebra-cabeça, pois ao percorrer a sua cidade, preenchida de espíritos, trajetórias, histórias e experiências, ela vai revelando e encaixando as peças, demonstrando que ela e a cidade se habitam mutuamente.

O lugar que habitamos e também nos habita é constituído por mapas pessoais, pois, a partir dos percursos cotidianos, sempre se formam traçados e trajetos construídos pelos usos, experiências, relações, trocas, sentidos e apropriações que fundamentam o habitar. São estas experiências espaciais, percursos físicos e trajetórias da alma que tornam o lugar como uma história de vida (Bosi, 2003) e constituem o habitar.

Certeau (2014) discute que o caminhar realizado pelos sujeitos molda espaços, tecem os lugares, mas o caminhar não se localiza e/ou se visualiza, porém, espacializa, construindo geografias interiores. São como mapas ilegíveis, sem demarcação ou legendas, pois as descrições dos percursos pessoais não se fixam no espaço, mas intimamente. Carvalho (2009) ressalta que esses percursos formam uma rede delicada e intrincada de significados e relações com o espaço, que só são visualizados nos mapas pessoais e interiores de cada um de nós, pois como salienta Oliveira (2014, p. 13), “[...] a imagem que temos do lugar é sempre pessoal [...]”.

Certeau (2014) ainda esclarece que o ato de caminhar por determinado lugar ou cidade,

executado pelos seus habitantes, revela um processo de realização e apropriação do lugar, pois nessas caminhadas estão implicadas as inter-relações, experiências, medidas, traçados e trajetórias efetuadas, bem como as significações dos elementos espaciais. O caminhar é conhecer e interagir com seu espaço, contribuindo de forma decisiva para que se possa apreendê-lo, além de criar laços e valores. A identificação e o reconhecimento de qualidades despertam o resguardo e o cuidado como lugar e, segundo Heidegger (2012), vão subsidiar o habitar.

Segundo Leitão Santos (1998) e Leitão (2014), um lugar ou uma cidade não é feito apenas de pedras e cal, mas de sujeitos, suor, sangue, medos, sonhos, relações, trocas. São expressões, interações e valores da vida humana materializadas no espaço e que vão criar a alma deste lugar, conferindo-lhe identidade e diferenciando-o dos demais. Assim, por conter, impressas e implícitas, nas suas formas a vida e as relações íntimas, sejam individuais ou coletivas, dos seus habitantes, é que o lugar consegue se comunicar com eles, através de uma linguagem simbólica e subjetiva, à medida que o lugar de cada um é envolto de significados e subjetividades.

O lugar é identitário, relacional, geográfico e histórico, reunindo qualidades, experiências e significados construídos a partir das inter-relações mútuas com/entre os sujeitos que o habitam. Lugar é o aqui e agora, o estar e o ser no mundo, é a parcela do espaço onde histórias e trajetórias de vida se encontram e se entrelaçam (Relph, 2014; Augé, 2012; Massey, 2008). Lugar e o sujeito são indissociáveis, estão ligados, se constituem e se transformam mutuamente (Seamon, 2017; Schaller, 2011; Marandola Jr., 2014). Há uma ligação intrínseca entre o sujeito, quem ele se torna e o lugar onde habita, tendo em vista as experiências formativas e trajetórias vivenciais construídas no/do/com o lugar.

E é somente a partir das narrativas sobre as inter-relações entre as histórias de vida do sujeito com o lugar, que este se torna habitável (Certeau; Giard; Mayol, 2013). Delory-Momberger (2012), corroborando com as discussões de Heidegger (2012), enfatiza que o habitar vai muito além do morar, pois significa uma relação particular que os sujeitos e grupos sociais mantêm com seus espaços de vida, permeadas por pensamentos, práticas, representações, imaginários e realidade: “[...] Os homens habitam o espaço, e o espaço os habita; eles constroem o espaço, e o espaço os constrói; eles significam o espaço, e o espaço confere sentido ao seu ser e à sua ação [...]” (Delory-Momberger, 2012, p.70).

Habitar a cidade vai muito além do morar ou utilizá-la em determinado período de tempo, pois habitar é ser e existir nos seus espaços; construir lugares e ser por eles construído; realizar trajetos e relações cotidianas para sentir-se parte integrante do espaço, que mesmo sendo coletivo, mas, por conta da identificação, do pertencimento, da incorporação de símbolos, referências e experiências, passa a ser propriedade do sujeito: “minha cidade”, “minha rua”. É através desse processo que cada sujeito elege a sua cidade ou lugar essencial, àquele que mais que um espaço de residência e lazer, constitui o próprio sujeito (L. L. Santos, 1998; Leitão, 2014).

E em relação aos sujeitos que, por diversos motivos, apenas frequentam ou utilizam a cidade, mas não constroem uma relação de habitar? Nesse grupo se encaixam os alunos da roça que, como migrantes pendulares, advêm diariamente ao espaço urbano para realizar seus estudos na escola da cidade e depois retornam para o seu lugar (habitar). Segundo Santos (2012), o processo migratório é uma agressão ao indivíduo, pois lhe rouba parte do seu ser, forçando-lhe a uma nova e árdua adaptação ao novo espaço, que lhe imprimi-

rá novas formas de ser e ler a si e ao mundo. E este é o papel desempenhado pela cidade na vida dos alunos da roça que a utilizam para realização dos estudos e outras atividades. Um papel ainda pouco estudado e compreendido pela escola e pela Geografia, que propomos, através da abordagem (auto)biográfica, auxiliar na sua elucidação.

Olhares e escutas sensíveis: a pesquisa (auto)biográfica e os estudos sobre alunos da roça

Caminhante, são teus rastros o caminho, e nada mais; caminhante, não há caminho, faz-se o caminho ao andar.

Ao andar, faz-se o caminho, e ao olhar-se para trás vê-se a senda que jamais se há de voltar a pisar.

Caminhante, não há caminho, somente sulcos no mar.

(Machado, 1973, p. 158)

O poeta Antônio Machado (1973) destaca que não há caminho pronto, que este se faz ao caminhar. Nesse sentido, quando pensamos a metodologia de uma pesquisa, encontramos orientações gerais, mas o caminho e os dispositivos utilizados na caminhada serão escolhidos e trilhados pelo pesquisador, a fim de atingir os objetivos – desvelar, interpretar e compreender o objeto. Assim, não há um caminho pronto e acabado para cada pesquisa. Segundo Souza e Cruz (2017), a construção metodológica de uma pesquisa não ocorre sem que o pesquisador inscreva suas características, escolhas e olhares neste processo. O caminho é construído ao se teorizar, pesquisar e interpretar os dados. Ao andar se faz o caminho!

Formenti (2013, p. 109/113) também apresenta algumas provocações pertinentes para uma reflexão e tomada de posição quanto à pesquisa, escolha do método e das abordagens metodológicas: “[...] que teoria do ser hu-

mano está implícita nas minhas perguntas, no meu modo de fazer pesquisa? [...] Que lentes serão usadas? [...]”, a fim de que se possa melhor compreender o problema elencado.

Nesse sentido, na busca por novos olhares e uma escuta sensível para com os sujeitos – alunos da roça –, destaca-se a opção, nesta pesquisa, pela abordagem (auto)biográfica, pois ela tem como principal qualidade a atenção, o respeito e valorização dos processos formativos dos sujeitos, permitindo, assim, ao pesquisador ir mais longe na investigação e na compreensão do fenômeno ao considerar e valorizar um conjunto mais amplo de elementos, geralmente desvalorizados ou negligenciados por outras correntes metodológicas, sobretudo as positivistas (Nóvoa; Finger, 2014).

Passeggi e Souza (2017) ainda esclarecem que a pesquisa (auto)biográfica permite a construção de novas formas de se compreender os sujeitos e como eles se tornam quem são, bem como permite também outros meios de pesquisa sobre e com o sujeito. Nesse sentido, a referida abordagem visa recuperar a ausência do sujeito empírico, ausente nas pesquisas positivistas, além da construção de uma nova episteme, não buscando a verdade, mas valorizando, interpretando e compreendendo as experiências do sujeito, ou seja, propiciando aos outros sujeitos se expressarem e serem escutados (Passeggi; Souza, 2017; Arroyo, 2014).

Nesse sentido, concebe-se que a abordagem (auto)biográfica pode propiciar um aprofundamento da compreensão de como os alunos da roça experienciam, territorializam e leem a cidade na qual estudam, refletindo sobre este processo na sua trajetória vivencial e formativa. Souza (2006) salienta que a utilização dessa abordagem no campo da educação tem contribuído para aprofundar pesquisas sobre os processos e as experiências educativas e educacionais dos sujeitos, permitindo penetrar, através das narrativas, num campo

subjetivo para compreensão de como se vivencia e se experimenta o mundo, e como tal processo influencia na formação do sujeito.

Josso (2006) ressalta a relevância da utilização da pesquisa biográfica no campo educacional, destacando que esta metodologia de investigação também se torna uma inovação pedagógica, à medida que respeita o processo individual de constituição do sujeito, valorizando a sua subjetividade, ou seja, sua identidade, suas experiências, modos de vida e saberes, a fim de compreender como esse arsenal subjetivo reflete na apreensão da realidade e no seu processo de formação.

Nóvoa e Finger (2014, p. 24) também argumentam que, através desta abordagem metodológica “[...] é possível mostrar de que forma os fatores sociais, políticos e culturais marcam a história de vida de cada um e clarificar de que modo a confrontação da pessoa como esses fatores é constitutiva de uma formação sociopolítica [...]”, ou seja, a (auto)biografia, além de fenômeno e instrumento de investigação, também é um instrumento pedagógico: um processo de autoformação e de intervenção na realidade (Nóvoa; Finger, 2014; Dominicé, 2014; Souza, 2008), tanto para os colaboradores da pesquisa quanto para o pesquisador, que, implicado na pesquisa: escuta e compreensão das narrativas, também realiza um processo de reflexão e autoformação.

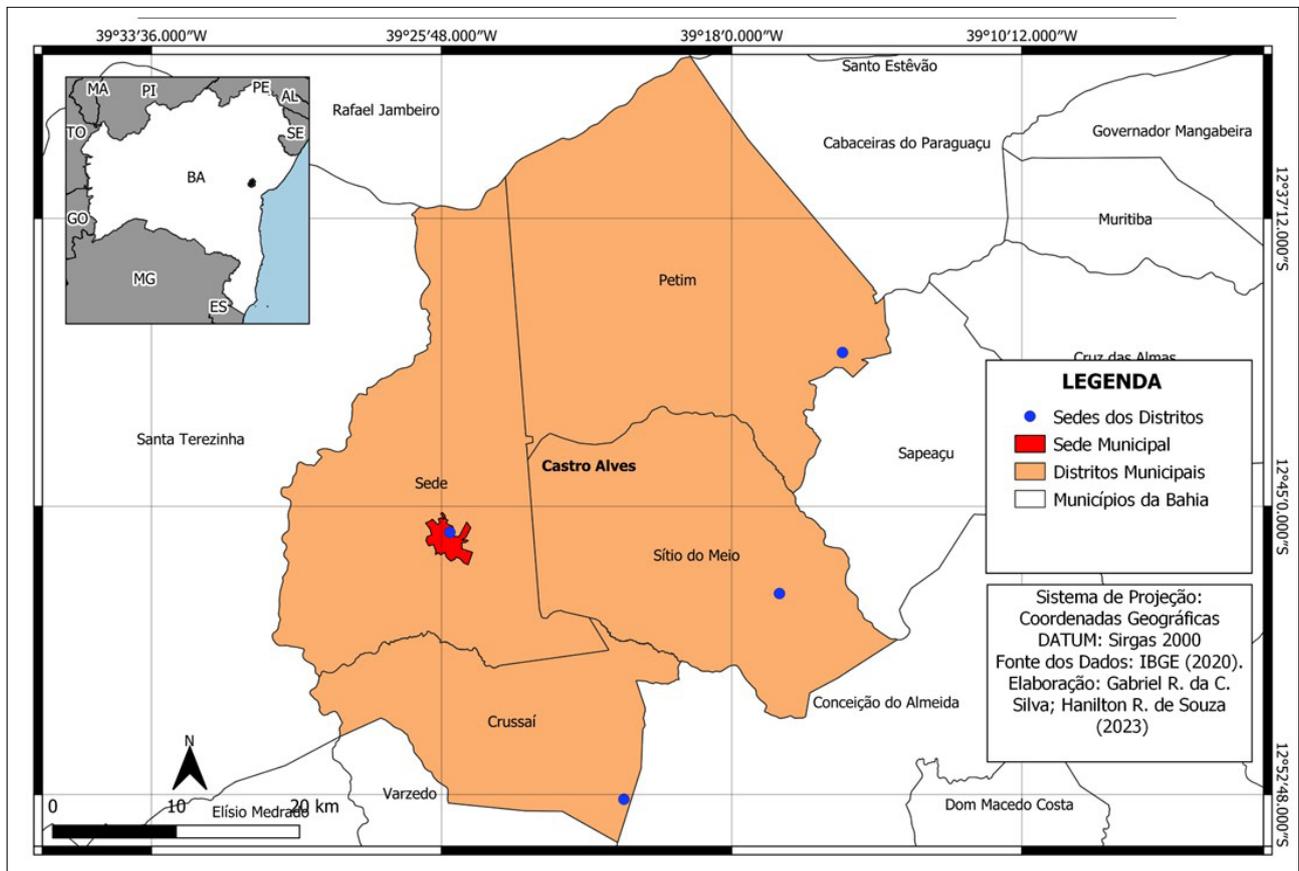
Em relação aos dispositivos metodológicos de recolha de dados, foram utilizados: imagens (fotografias e fotobiografias) da cidade (Loizos (2002; Delory-Momberger, 2006); grupos de discussão (Weller, 2013), denominados de círculos narrativos; e entrevistas narrativas (Schütze, 2013; Jovchelovitch; Bauer, 2002), que melhor se adequavam para leitura da paisagem urbana e pesquisa com jovens rurais. A junção dos três dispositivos e o cruzamento das informações e dados fornecidos (Flick, 2013) subsidiaram uma análise das dimensões temáticas

e interpretativa-compreensiva das narrativas (Ricoeur, 2009), tendo em vista que tanto as narrativas orais e/ou escritas, como as imagens da cidade, capturadas e biografadas pelos colaboradores, trouxeram consigo referências e significações que auxiliaram na compreensão de como sujeito se relaciona consigo mesmo, com o outro, com a cidade e com a realidade.

Enfim, destaca-se que a pesquisa foi realizada com 09 (nove) alunos/as da roça, que estavam na 3ª série do Ensino Médio, do Colégio Estadual do Campo de Castro Alves, localizado na cidade de Castro Alves, no Território de Identidade do Recôncavo, na Bahia/Brasil

(Figura 1). Os colaboradores da pesquisa residiam em comunidades distintas localizadas nos três distritos rurais do referido município: Crussaí (Gabriela, José, Matheus, Moisés e Thaila), Petim (Benjamim, Eduarda e Gisele) e Sítio do Meio (Daniela), e utilizavam o referido colégio para concluir a educação básica, tendo em vista a inexistência do ensino médio rural. Ressalta-se que os procedimentos éticos da abordagem (auto)biográfica foram cumpridos, e os colaboradores da pesquisa participaram, de forma livre, consensual e esclarecida, com sua identidade preservada, sendo nominados por codinomes por eles escolhidos.

Figura 1: Mapa do Município de Castro Alves/BA, com seus distritos.



Fonte: IBGE, 2020. Elaborado por Gabriel Silva; Hanilton Souza, 2023.

As (geo)grafias dos alunos da roça sobre a cidade: imagens e narrativas

[...] a gente, na adolescência, além de ter que se acostumar com toda essa mudança de estudar

aqui, na escola da cidade, ainda tem a questão de se adaptar em vir para a cidade, andar na cidade, se comportar na cidade, um lugar que a gente não conhece e que também não conhece as pessoas. É complicado [...]. (Gisele, Círculo narrativo, 2017)

Gisele, no excerto narrativo que abre esta seção, descreve como o rito de passagem para estudar na escola da cidade foi algo complicado, tendo em vista que sair do lugar onde habita (roça), ainda adolescente, e vir para um lugar desconhecido gera medo e apreensão. Vir, estar e percorrer a cidade, espaço que não conhece e que destoa do seu lugar habitado é entrar em contato com outros espaços, regras, cotidianos e outras histórias. Porém, essa nova realidade espacial não é plenamente experienciada, tendo em vista que, devido ao horário e aos compromissos mantidos na cidade, ou seja, os horários fixos de chegada e partida e as atividades na escola, eles não vivenciam de forma plena o novo espaço – cidade –, em toda sua potencialidade (Cassab, 2015).

Heidegger (2012) e Relph (2014) enfatizam que, além da consciência da existência e das inter-relações com o lugar, o habitar se constitui, especialmente, na liberdade, na pacificação do ser e no pertencimento, que resultam na responsabilidade pelo resguardo com o lugar: salvar a terra, acolher o céu, aguardar o divino e conduzir os mortais – elementos da quadratura. Nesse sentido, os alunos da roça, apresentam em suas narrativas, o lugar onde habitam e que também os habita, que não é a cidade:

[...] Eu também não gosto daqui da cidade, não. E não viria morar, pois já estou acostumado na minha comunidade, lá eu tenho mais liberdade, tenho amigos, lazer, jogo bola à tarde com amigos, saio para passear. E aqui não teria isso, não. Eu também ajudo meus pais no trabalho, na lida com a terra, com a plantação. Tenho mais lazer lá, coisa que não ia ter aqui, na cidade, não. Lá na roça eu conheço todo mundo, tenho amigos para conversar, resenhar. Aqui é tudo muito estranho [...]. (Benjamim, Círculo narrativo, 2017)

[...] Em relação à cidade de Castro Alves, eu não tenho muita ligação, não. Só venho aqui mesmo por causa da escola e nos dias de sábado, pois

tenho que fazer manutenção nos aparelhos dos dentes, mas se não fosse isso, acho que ficaria, não o ano todo na roça, mas só vinha aqui mesmo por “precisão”. Não gosto muito de vir para cá, não. Na roça tenho mais liberdade, pois tem mais espaço para tudo. Gosto de sair e visitar os amigos. Tem o trabalho com a terra, cuidar da plantação, dos bichos, o contato com a natureza. Tem a minha avó, meus parentes e amigos, as rezas e muitas outras coisas. Eu não me identifico com essa cidade, não. Não gosto, não [...]. (Mateus, Entrevista narrativa, 2017)

Benjamim e Mateus ressaltam os elementos que constituem o habitar, destacados por Heidegger (2012): o contato e cuidado com a terra, com a natureza (plantas e animais); o pertencimento, a paz e a liberdade proporcionados pelo lugar; a integração com os parentes, amigos e os demais habitantes da comunidade; as atividades religiosas e de lazer. Nesse processo, eles enfatizam a consciência da existência e também do resguardo que possuem em relação ao lugar habitado. Fatores que ainda não encontram noutro espaço – a cidade –, vista como um contraponto ao habitar e onde não desejam estar ou viver, pelo menos nesse momento de suas vidas.

Ainda sobre as diferenças entre o habitar e o não habitar, os alunos da roça destacam:

[...] Eu não gosto daqui da cidade, não. Minha ligação com a cidade é apenas para vir à escola. Não tenho parentes aqui, assim eu não tenho muito contato com a cidade, não. E isso, pode ser que influencie na minha identidade com a cidade. Eu acho que a maioria das pessoas que não gostam daqui é porque a cidade não oferece nada, já que o desenvolvimento aqui é pouco, para trabalho, estudos, faculdade. Muitas coisas faltam nessa cidade [...]. (Moisés, Entrevista narrativa, 2017)

[...] Eu não gosto daqui não. Se fosse para vir morar, eu não viria, não, pois minha vida tá lá na roça, aí fica difícil. Não me identifico, não. Só venho aqui para estudar e resolver coisas, mas morar, não. Lá na roça a gente tem mais liberdade e segurança em sair, em visitar os amigos.

E aqui eu vejo que não tem essa liberdade toda, não. Todo mundo se trancando em casa. Aqui eu só venho para estudar mesmo. E, às vezes, venho dias de sábado também [...]. (Gisele, *Círculo narrativo*, 2017)

Moisés e Gisele sublinham a falta de identificação com a cidade, revelando que a ligação apenas se dá por ações pontuais, ou seja, valor de troca (Lefebvre, 2001): escola e serviços. Além disso, demonstram, neste momento, o desejo de não morar ou habitar a cidade, pois, como destaca Gisele “[...] minha vida tá lá na roça, aí fica difícil [...]”. Os elementos que constituem o habitar, segundo Heidegger (2012), para estes alunos, não se encontram, atualmente, na cidade, mas na roça. Moisés reforça essa questão ao afirmar que a cidade não tem determinadas qualidades que propiciem um desenvolvimento. Ele tem dois anos de estudos na cidade, mas não se inscreveu ou foi inscrito pelo espaço urbano. Apenas mantém inter-relações mais próximas com a praça onde ficam os ônibus escolares, não se interessando pelos demais espaços da cidade. Para que um espaço possa ser considerado como lugar, logo passível do habitar, é preciso que ele aglutine qualidades, experiências e significados para os sujeitos que ali vivem ou utilizam, pois são estas características, juntamente com as histórias e trajetórias entrelaçadas que serão as chaves da cidade, ou seja, fundamentarão o habitar (Relph, 2014; Certeau; Giard; Mayol, 2013).

Segundo Augé (2012), é preciso que o lugar conjugue identidade e relação, é a condição mínima para que o sujeito possa se reconhecer e também identificar as referências presentes neste espaço, ou seja, as trajetórias e as histórias entrelaçadas que fundamentarão a sua formação. Nesse sentido, vê-se que, no presente, a cidade, para os alunos da roça, se constitui num local de relações efêmeras e com sentidos determinados: estudar e realizar atividades para si, parentes e amigos, como

efetuar compras, pagamentos, dentre outras.

Sobre o estar e utilizar a cidade e seus espaços, Benjamim e Daniela narram:

Quando chego aqui, na cidade, faço o que tem que fazer e quero voltar logo para casa. Se fosse para vir morar aqui na cidade, acho que eu não viria, não, porque a gente já se acostumou lá na roça e aqui não tem o mesmo modo de viver, de trabalhar que a gente tem lá na roça. O modo de trabalhar aqui é diferente, lá também é diferente. Lá a gente labuta mais com lavoura: mandioca, milho, animais, esses negócios. E aqui não tem esse trabalho. O trabalho daqui é diferente, é trabalho em loja, em farmácia, supermercado, casa de família, esses negócios. E também tem diferença no relacionamento entre as pessoas. Lá na roça já é todo mundo conhecido, aqui tem que passar a ser amigo para depois se conhecer melhor. Lá tem várias atividades que unem a gente: rezas e ladainhas. A gente participa, fica lá vendo o povo rezar, é muito bom. Lá as pessoas são mais ligadas umas nas outras, porque lá tudo que a gente faz, a gente convida os vizinhos mais próximos para ir, para reunir todo mundo para fazer. Lá na roça, semana passada, teve a troca de dia, o pessoal chamou o meu padrinho e o meu tio para ajudar a cavar as covas e amanhã tem de novo. Sempre bom ter uma ajuda a mais para fazer as coisas, né? [...] (Benjamim, *Entrevista narrativa*, 2017)

[...] Eu conheço um pouco da cidade porque eu estava ficando aqui alguns dias, na casa de parentes, mas eu já voltei para a roça, pois não gosto de ficar muito aqui, não. Eu acho que ficar aqui, sei lá, me sinto muito presa [risos]. E na roça, não, pois lá eu vou à casa de minha avó, dos meus parentes. Aqui na cidade a gente fica dentro de casa o tempo todo. Na roça eu acho que a gente tem mais liberdade para sair, ir à casa dos parentes, porque já somos todos conhecidos e aqui na cidade não, aqui a gente não conhece ninguém. Aqui só conhece os parentes da gente mesmo, mas tirando isso a gente não conhece ninguém. Por isso eu digo que me sinto presa aqui na cidade, porque tem os vizinhos, mas não é gente conhecida para visitar, ir a casa, igual a gente faz na roça, que vai na casa da vó, da tia, de primo. E aqui na cidade não tem casa para a gente ir, os vizinhos,

os conhecidos, a gente dá bom dia, fala oi, mas não tem aquela amizade igual tem na roça. Aqui não tem, por isso que eu falo que me sinto mais presa aqui do que na roça. Lá eu me sinto mais à vontade do que aqui na cidade [...]. (Daniela, Entrevista narrativa, 2017)

Além de destacarem os elementos do habitar: relação com lugar por meio da existência física e espiritual, o contato e cuidado com a terra e natureza, as relações com os outros (Heidegger, 2012; Relph, 2014), Benjamim e Daniela frisam as diferenças no estar, ser e viver na roça – o habitar –, e na cidade – onde não habitam. Benjamim enfatiza a pressa em resolver as coisas na cidade, o passar rápido das horas para poder voltar logo para casa. Daniela também se sente presa e sem liberdade quando tem que ficar na cidade, na casa de parentes. Nisso, eles ressaltam as diferenças de comportamento, vida, trabalho e relações

sociais mantidas nos dois contextos: roça e cidade –, sublinhando a preferência e identidade mantidas com os modos de ser e viver, ou seja, com as diversas manifestações socioespaciais (ruralidades) construídas e vivenciadas na roça.

Através das narrativas e também das fotografias capturadas pelos alunos da roça em relação à cidade, eles destacaram os espaços com os quais se identificam ou não, demonstrando assim as espacialidades e territorialidades construídas nos locais onde transitam quando estão na cidade para estudar. Oito colaboradores destacaram que o espaço mais utilizado e que mais se identificam é a Praça Dionísio Cerqueira, localizada no centro da cidade e onde ficam estacionados os ônibus escolares. Os alunos não costumam se referir a este local pelo topônimo, mas como a “praça dos ônibus” (Figura 2):

Figura 2: Praça Dionísio Cerqueira – C. Alves/BA.



Fonte: Acervo da pesquisa- fotobiografias: Moisés (à esquerda); Gisele (à direita), 2017.

[...] O lugar que mais me identifico é a praça dos ônibus. É o local onde a gente mais frequenta, pois lá ficam os ônibus. É também o local de maior contato e o caminho que fazemos para ir e voltar da escola. Na cidade não vejo nada que chame à atenção, não. Só a praça mesmo, pois é da roça para a praça e para a escola. E, depois, é da escola para praça e ir embora para casa. A praça é o local que me chama mais atenção, pois é onde a gente encontra os amigos, conver-

sa e espera os ônibus. Até quando a gente vem para cidade para resolver alguma coisa ou para passeio, é na praça que a gente se reúne, pois é o único lugar que a gente mais se adaptou aqui na cidade [...]. (Moisés, Entrevista narrativa, 2017)

[...] A praça dos ônibus é o local que mais me identifico aqui na cidade, pois me lembra a roça, já que têm muitas árvores, flores, é grande e é mais tranquila e bonita que os outros locais. E

também é ai que fico para ir embora para casa, esperando os ônibus. Dessa praça, eu gosto mais desse jardim em frente da igreja, o jardim de baixo não gosto não. Tomara que melhore agora que vai reformar, pois era mal cuidado [...]. (Gisele, Narrativas fotobiográficas, 2017)

[...] A praça que eu me identifico é onde ficam os ônibus, mas eu gosto mais da parte que fica em frente à igreja, pois é um local que eu gosto de ficar. É mais tranquilo e é um lugar bonito, tem jardim com plantas, árvores e flores. Também gosto de ficar nas escadarias da igreja, olhando o movimento e o restante da praça. A praça é grande [...]. (Mateus, Narrativas fotobiográficas, 2017)

As fotografias capturadas por Gisele e Moisés, bem como os excertos narrativos, revelam que a maioria dos colaboradores (8 alunos), indicam a Praça Dionísio Cerqueira como local de maior identificação e adaptação, devido ser a área central da cidade e, sobretudo, onde fica estacionado o transporte escolar rural. Gisele e Mateus também destacam a praça pelo tamanho e pela paisagem, formada de árvores e flores, que remetem aos contextos rurais, o que lhe oferece tranquilidade e prazer. Segundo Silveira (2013), o lugar novo apresenta outros contextos, sujeitos e possibilidades, mas é a territorialidade que o sujeito carrega consigo que vai balizar suas leituras, pois ele vê o mundo a partir do sentido de pertencimento. Como os alunos da roça trazem consigo as manifestações socioespaciais construídas nos contextos rurais (diver-

sas ruralidades), isso explica as relações e comparações mantidas por Gisele e Mateus entre a roça e o jardim central da praça, pois o espaço pessoal viaja com a pessoa (Sack, 2013).

Moisés enfatiza que não há outros locais da cidade que lhe chamem a atenção: “[...] *Só a praça mesmo, pois é da roça para a praça e para a escola. E, depois, é da escola para praça e ir embora para casa [...]*”. A praça, então, além de se constituir como uma plataforma de embarque e desembarque, é percebida como o elo entre a roça e a escola/cidade, o espaço que interliga dois mundos: o habitar (a roça) ao não habitar (a cidade).

Os alunos também sublinham nas narrativas as múltiplas espacialidades e territorialidades construídas na praça, a partir das relações de identidade e sociabilidade (Cavalcanti, 2015). Segundo Gomes (2013), o papel da praça na cidade, além da sociabilidade, é a quebra de ritmos: a permanência e o alargamento da visão do sujeito. Assim, Gisele e Mateus indicam o uso e a apropriação territorial do jardim central, que fica em frente à igreja matriz, por conta da sua paisagem, do panorama de visualização e do maior cuidado com sua manutenção.

Diante dessas diferentes espacialidades e territorialidades construídas na praça, torna-se relevante, para melhor compreensão do leitor, uma breve contextualização deste espaço (Figura 3).

Figura 3: Praça Dionísio Cerqueira – antes e após a reforma



Fonte: Acervo da pesquisa: cedidas por Diego Leão, 2017 e 2021.

A Praça Dionísio Cerqueira, até 2017, era formada por três grandes jardins: o superior, onde fica a Igreja Matriz, o central e o inferior. O jardim inferior possuía maior circulação e movimentação de pessoas, já que era o ponto de passagem entre logradouros importantes da cidade. Antes da reforma, os ônibus escolares ficavam estacionados entre o jardim central e o inferior, numa grande área de circulação de pessoas e veículos e que, geralmente, era utilizada para realização de feste-

jos diversos. Esta área foi suprimida, havendo a junção dos dois jardins. Assim, os ônibus escolares, agora, ficam estacionados dos dois lados do jardim superior e no estacionamento da Igreja Matriz. Essa reconfiguração da praça gerou, além de questionamentos dos habitantes da cidade, a construção de novas espacialidades e territorialidades dos alunos da roça, como se pode notar nos excertos narrativos de Thaila, Benjamim e Daniela e nas fotografias (Figura 4).

Figura 4: Praça Dionísio Cerqueira – outros ângulos e territorialidades



Fonte: Acervo da pesquisa – fotobiografias: Benjamim (à esquerda); Thaila (à direita), 2017.

[...] O local que mais me identifico aqui na cidade é a praça dos ônibus, pois é o local que mais frequento, pois é onde o transporte escolar fica estacionado. Só que eu gostava mais de ficar no jardim da parte de baixo dessa praça. Era mais movimentado e tinha lugar para a gente sentar. A parte de cima eu acho mais é perigosa, é deserta, sem movimento. Agora que tá reformando e fechou o jardim, eu fico no ônibus mesmo, é melhor [...]. (Thaila, Círculo narrativo, 2017)

[...] Eu me identifico mais com a praça dos ônibus. Hoje, depois que a parte de baixo entrou em reforma, o local que mais gosto de ficar é o lado direito da praça, pois é mais movimentado por conta do banco, do supermercado Todo Dia, da escola e de outras coisas que tem lá. Antes ficava na parte de baixo, era mais movimentada. Gosto de lugar mais movimentado, pois me sinto melhor. Gosto dessa praça porque é local

onde mais tenho contato, por causa dos ônibus. Assim, nossa rotina é casa-praça-escola, depois é escola-praça-casa. Como local que eu não gosto, eu fotografei o lado esquerdo da praça, pois não tem o mesmo movimento que tem desse lado, já que lá tem mais casas do que comércio. E aí tem menos movimento e pessoas. Gosto de lugares que tem mais movimento e gosto menos dos lugares que não tem movimento [...]. (Benjamim, Narrativas fotobiográficas, 2017)

[...] Eu gosto mais da Praça Dionísio. Gosto porque é o lugar que a gente fica mais, sendo o local que mais temos contato aqui na cidade, já que ficamos lá para poder pegar o transporte para casa. Mas eu gosto mais da parte de baixo, pois tem mais comércio e é mais movimentada. É passagem de muita gente. Agora que tá reformando, fico andando pela praça e vendo as lojas [...]. (Daniela, Narrativas fotobiográficas, 2017)

As fotografias de Thaila e Benjamim e seus excertos narrativos, juntamente com o de Daniela, revelam a preferência de espaços da praça que são mais movimentados: o jardim inferior e seus arredores. Com a reforma deste trecho, os alunos reconfiguraram suas espacialidades e territorialidades: Benjamim se identifica, espacializa e territorializa o lado direito da praça, devido ao movimento gerado pela rede de supermercados Todo Dia, o Banco do Brasil e outros estabelecimentos comerciais e de serviços, enquanto tem aversão pelo lado esquerdo – mais deserto; Thaila sente-se mais segura dentro do ônibus de sua comunidade; Daniela, agora, percorre trechos da praça, geralmente olhando as lojas. Certeau (2014) afirma que caminhar é ter falta de lugar. Assim, a ausência do lugar de afeição (jardim interdito), os alunos escolhem outros lugares: lado direito da praça, o ônibus ou ainda caminham pelos arredores à procura de um novo lugar.

Segundo Saquet (2007) e Cavalcanti (2013),

a espacialização e a territorialização dos lugares se dão para satisfação das diferentes necessidades dos sujeitos, dentre elas está o sentimento de segurança. Logo, vê-se que estes alunos preferem os locais mais movimentados, evitando assim áreas da praça com pouca circulação de pessoas, como o jardim central e o superior. Silveira (2013) discute que as territorialidades devem ser entendidas a partir do sentimento de identidade e pertencimento, que são desiguais em relação aos diferentes espaços, tendo em vista a diversidade de situações e necessidades existenciais de cada sujeito. Nota-se isso nas diferentes espacialidades construídas na praça pelos alunos.

A colaboradora Gabriela divergiu da maioria dos seus colegas da roça, revelando que o local que possui maior identificação na cidade é a feira livre (Figura 5), enquanto o local que não gosta ou se identifica é a Praça Dionísio Cerqueira:

Figura 5: Feira livre de Castro Alves/BA [Av. Fernando Wilson Magalhães]



Fonte: Acervo da pesquisa - fotobiografias: Gabriela (à esquerda); Mateus (à direita), 2017.

[...] O local que gosto é a feira livre. É um local com uma dinâmica diferente da praça dos ônibus. Eu me identifico porque podemos ver as pessoas vendendo, batalhando para ter o pão de cada dia. Na feira livre dá para a gente conhecer a origem do povo, culturas diferentes, várias histórias. Minha família vendia coisas na

feira, agora não vende mais, pois meu padrasto morreu. Vendia banana e outras coisas. Já a praça, eu não gosto, pois aí a gente só fica mesmo para esperar o ônibus, correndo o risco até de nos roubar, como já aconteceu várias vezes. Eu não vejo nada importante nessa praça não [...]. (Gabriela, Entrevista narrativa, 2017)

Tanto na fotografia quanto no excerto narrativo, Gabriela enfatiza a feira como local de batalha pela vida, ou seja, onde as pessoas simples, sobretudo pequenos agricultores, como seus familiares, têm a oportunidade de vender seus produtos, adquirindo renda para as outras atividades e necessidades cotidianas. Além disso, Gabriela também salienta a dinâmica diferente existente no espaço da feira livre, onde histórias de vida e culturas diferentes se entrelaçam. Enquanto Gabriela possui laços identitários com a feira, os demais colaboradores demonstram aversão por este local:

[...] A feira livre, especialmente aquela parte do mercado municipal, eu não gosto por causa da desorganização. É um lugar não muito limpo, com sacolas, garrafas pet, papelão, verduras e frutas jogadas e espalhadas no chão. Quando chove esse lixo se mistura com a água, formando poças. Tem também o cheiro de peixe, de carne de boi e de galinha. Eu não gosto de passar por lá por causa desse mau cheiro [...] (Mateus, Narrativas fotobiográficas, 2017).

[...] Já a feira livre eu não gosto por conta da falta de organização, as coisas, as mercadorias ficam todas no chão para vender, é uma total porcaria a feira. É muita desorganização e também tem muita zoada, entre outros fatores [...]. (Moisés, Círculo narrativo, 2017)

[...] O local que não me sinto bem, ou seja, não gosto, é a feira, pois é muito movimento, e na maioria das vezes tem muito lixo no chão e cheiros desagradáveis de resto de frutas, legumes e verduras. Acho que seria bem melhor fazer bancas, pois seria menos sujeira e lixo [...]. (Thailla, Narrativas fotobiográficas, 2017)

Mateus, através da fotografia (Figura 5) e do excerto narrativo, esclarece sua aversão ao espaço da feira livre, sobretudo a parte que fica em frente ao mercado de carne e farinha. Além disso, compartilha com Moisés e Thailla sobre a desorganização e a sujeira existente neste espaço. Ressalta-se que cinco colaboradores indicaram que seus familiares possuem

pontos de venda na feira livre de Castro Alves. Assim, compreende-se que a não identificação com a feira, não parta apenas do barulho, desorganização ou sujeira, mas esteja também relacionada aos “[...] outros fatores [...]”, destacado por Moisés, à medida que na feira, mais que em outros espaços da cidade, inclusive na escola, a identidade rural é mais explícita: familiares e amigos que revendem alimentos para subsidiar a sobrevivência. Uma forma de esconder sua identidade rural, num mundo e sociedade onde ser da roça ainda carrega estereótipos negativos, construídos e disseminados na modernidade.

Dentre os espaços que mais se identificam na cidade, apenas a praça (oito alunos) e a feira (uma aluna) foram selecionadas e fotografadas. Os demais espaços fotografados são locais de aversão ou indiferença, devido ao pouco conhecimento ou porque somente os utilizam para determinados trajetos ou para realizar algumas atividades na cidade, como demonstrado nas fotografias e nos excertos narrativos (Figura 6 e 7):

[...] Eu não me identifico com a praça do poeta, não [Praça da Liberdade], pois eu não fico muito tempo e também porque não tenho tempo para conhecer melhor. Além disso, não tenho costume de ir lá mesmo, por causa do horário da escola e do transporte [...]. (José, Narrativas fotobiográficas, 2017)

[...] Eu não me identifico com a praça da prefeitura [Praça da Liberdade] porque é muito difícil eu ir lá. Às vezes vou apenas de passagem ou para resolver alguma coisa [...]. (Eduarda, Narrativas fotobiográficas, 2017)

[...] Eu não me identifico com esse local [Avenida Idalina Ribeiro], é apenas um local de passagem para ir e voltar da escola. E só [...]. (Thailla, Círculo narrativo, 2017)

[...] Eu não gosto dessa rua [Avenida Idalina Ribeiro]. Só uso para ir e voltar da escola, não sei nem o nome dela [...]. (José, Círculo narrativo, 2017)

Figura 6: Praça da Liberdade e Avenida Profª Idalina Ribeiro (C. Alves/BA).



Fonte: Acervo da pesquisa – fotobiografias: José (à esquerda); Thaila (à direita), 2017.

Figura 7: Avenida Dr. Rafael Jambeiro e Rua Leolino Rebouças (Castro Alves/BA).



Fonte: Acervo da pesquisa – fotobiografias: Mateus (à esquerda); Moisés (à direita), 2017.

[...] Essa rua [Av. Rafael Jambeiro] é o local que mais utilizamos para ir e voltar da escola. Isso quando não retorno pela rua da feira. Não me identifico, não [...]. (Mateus, Narrativas fotobiográficas, 2017)

[...] É o lugar [Av. Rafael Jambeiro] que usamos para passar para ir para a escola e para voltar para a praça e pegar os ônibus, só isso [...]. (Moisés, Círculo narrativo, 2017)

[...] Essa rua [Leolino Rebouças] eu não sei nem o nome. Apenas passo pela entrada dela todos os dias, pois fica do lado da escola, olho para lá, mas nunca entrei [...]. (Thaila, Círculo narrativo, 2017)

[...] Apesar dessa rua [Leolino Rebouças] ficar do lado da escola, eu nunca entrei aí, não, nem conheço [...]. (Moisés, Círculo narrativo, 2017)

Delory-Momberger (2012) esclarece que nem todos os espaços praticados pelos sujeitos apresentam a mesma biograficidade, ou seja, possuem a mesma capacidade de inscrever o sujeito no espaço ou a mesma aptidão de serem investidos por eles com as histórias, tornando-se habitáveis e os habitando. Nesse sentido, Thaila, José, Eduarda, Mateus e Moisés, através dos excertos narrativos e também nas fotografias dos espaços da cidade com os quais não possuem identidade ou afeição, sublinham locais utilizados apenas como passagem ou para a realização de atividades urbanas cotidianas, que não lhes despertam a atenção para conhecimento e apropriação, seja por desinteresse ou falta de tempo, tanto

que não sabem nem o nome destes logradouros, referindo-se a partir dos símbolos ou referências espaciais: “a praça do poeta”, “a praça da prefeitura”, “a rua para ir e voltar da escola”, “rua do lado da escola”, dentre outros.

Ainda em relação aos espaços de aversão ou não identitários, as fotografias (Figura 8) e os excertos narrativos de Mateus e Benjamim expressaram as leituras diferentes que os alunos da roça possuem de determinados espaços quando da chegada e da partida da cidade, revelando assim o lugar onde habitam e que também habitam neles:

[...] É o local [Rua Coronel Tanajura] que a gente entra na cidade quando vem da roça. Eu não gosto por causa das casas que são um pouco feias, o jardim é malcuidado, tem árvores secas e feias e também porque tinha lixo acumulado na entrada da rua, um tempo atrás. E também é um local muito distante do centro da cidade. Eu gosto daí somente quando o ônibus tá retornando para roça [...]. (Mateus, Narrativas fotobiográficas, 2017)

[...] eu passo por esse lugar [Avenida Benjamim Constant] todos os dias, mas não gosto, não. Gosto mais quando estou voltando para casa [...]. (Benjamim, Círculo narrativo, 2017)

Figura 8: Rua Coronel Tanajura e Avenida Benjamim Constant (Castro Alves/BA).



Fonte: Acervo da pesquisa – fotobiografias: Mateus (à esquerda); Benjamim (à direita), 2017.

A Rua Coronel Tanajura é o ponto de entrada para os alunos que provêm da região serrana e de Mata Atlântica. A Avenida Benjamim Constant é o acesso principal da cidade e sua ligação com a BR 101, servindo de entrada para alunos que residem no semiárido e nas áreas de transição climática. Dessa forma, Mateus e Benjamim modificam as suas leituras em relação aos espaços: quando se afastam do seu habitar, a entrada da cidade é vista com aversão, mas torna-se aprazível quando estão saindo deste espaço para retornar para seu habitar – a roça.

[...] Vendo o título do trabalho, eu digo que essa cidade não habita em mim mesmo, não. Com

certeza que não, pois eu não consigo me identificar aqui. Todo dia eu falo que só venho por causa do colégio, se lá tivesse eu não saia de lá não. Eu não gosto, eu gosto mais de tranquilidade e aqui não vejo isso não [...]. (Thailla, Entrevista narrativa, 2017)

Thailla evidencia no excerto narrativo que a cidade de Castro Alves não a habita, pois não se identifica com este espaço. Essa leitura da cidade também é compartilhada por outros colaboradores, pois, quando estimulados a dizer, no círculo narrativo, quais palavras definiriam a cidade de Castro Alves, em maioria destacaram: obrigação e necessidade. Necessidade de continuar os estudos para sua mudan-

ça sociocultural e obrigação de migrar todos os dias dos contextos rurais onde residem para estudar na escola da cidade. Isto não quer dizer que, suas opiniões e leituras não possam mudar, tendo em vista as novas relações e experiências que possam construir na/com a cidade, no futuro, pois Massey (2008) salienta que o espaço é aberto, formado de múltiplas relações que estão interconectadas, sempre em movimento e (re)construção.

Enfim, Certeau, Giard e Mayol (2013) esclarecem que é a partir das histórias dos lugares que eles se tornam habitáveis e também habitam os sujeitos, pois os dois – lugar e sujeito –, são indissociáveis e estão mutuamente intrincados. Habitar é narrativizar, ou seja, se inscrever e deixar ser inscrito pelo lugar, através de suas memórias, histórias, relações e experiências. É ser e existir no lugar, dando-lhe e recebendo significados e referências (Heidegger, 2012; Delory-Momberger, 2012).

Algumas (in)conclusões

[...] Em relação à pesquisa, até falei com meus pais que, pelo menos, tinha um professor que quis saber o que a gente passa. O que sofremos no dia-a-dia para estudar aqui na escola da cidade. Eu gostei, pois pude desabafar e pensar sobre a minha vida. Falar o que estava preso sobre isso tudo que passamos [...]. (Thailla, Entrevista narrativa, 2017)

O excerto narrativo de Thailla reafirma os princípios da abordagem (auto)biográfica sobre a necessidade de inserção e valorização dos sujeitos e de suas singularidades, negligenciados pelas metodologias tradicionais de pesquisa. Segundo Augé (2012), nas análises sociais não é possível fazer economia dos sujeitos e tampouco as pesquisas com sujeitos possam ainda ignorar os espaços por onde eles transitam. Nesta investigação houve o cumprimento destas premissas, pois os sujeitos não

desempenharam papéis de figurantes, mas de colaboradores e coautores da pesquisa. Além disso, seus contextos, relações e práticas espaciais foram considerados para se entender melhor as experiências e inter-relações que mantêm com os lugares onde habitam (roça) ou onde apenas transitam (a cidade).

Dessa forma, escutar, valorizar e interpretar as leituras dos alunos da roça sobre o ambiente urbano é propiciar que estes sujeitos descrevam e reflitam sobre as (geo)grafias criadas e/ou percorridas nos espaços da cidade, evidenciando que as suas relações e experiências com os espaços, campestres ou citadinos, são tão complexas e relevantes quanto àquelas construídas pelos alunos urbanos. (Geo)grafias estas que são, na maioria das vezes, desconhecidas nas salas de aula, impossibilitando assim que outras e diferentes leituras de si e de mundo contribuam e façam parte do processo de ensino e aprendizagem da Geografia.

As fotografias e os excertos narrativos revelam que a cidade não é vista como um lugar (habitar pelos alunos, devido aos seguintes fatores: a ligação identitária que possuem com o seu habitar – roça; a falta de interesse, insegurança ou estímulo em percorrer e conhecer a cidade – que gera pouco conhecimento e baixa apropriação do espaço urbano; a pressão espaço-tempo que os obriga a percorrer distâncias em pouco tempo para não se atrasar para a escola ou para o retorno para roça, impossibilitando uma espacialização, leitura e apropriação plenas da cidade; problemas relativos ao ensino e aprendizagem da temática cidade-urbano, além da distância entre a cidade teórica e a cidade real nas aulas de Geografia.

Nos itinerários que os alunos da roça realizam pela cidade, eles mantêm determinadas relações e experiências com alguns espaços, especialmente com a Praça Dionísio Cerqueira, mas ainda tem sua identidade territorial ligada à roça. A cidade, especialmente a Praça Dioní-

sio Cerqueira, oferece, no presente momento, abrigo ou segurança por determinado período de tempo, mas não o habitar no sentido de ser e existir no lugar. As instruções geográficas e as referências espaciais fornecidas por familiares e amigos para que os alunos circulem e realizem atividades na cidade, contribuem também para que eles criem mapas urbanos preenchidos com localizações e orientações para a realização, num tempo estipulado, de determinados fins: ir e voltar da escola, realizar atividades e serviços, dentre outros.

O caminhar pela cidade, regido pela pressão temporal e pela necessidade constante de localização, orientação e segurança, não contribui para um conhecimento, vivência e apropriação da cidade, tampouco para criar laços afetivos e de identidade, pois o valor de troca (uso e consumo dos lugares) se sobrepõe ao valor de uso (a cidade, a vida e ritmos urbanos).

Enfim, os alunos da roça não conseguem se inscrever e nem serem inscritos pela cidade, ou seja, conhecer e entrecruzar histórias e trajetórias de vida para que, além da roça, também possam reconhecer e se apropriar da sede do município como um lugar que faz parte de sua história – o habitar. E, assim, não se sintam, no presente, estrangeiros na cidade, relação que pode ser alterada, no futuro, a partir de outras experiências socioespaciais na/com a cidade.

Referências

ARROYO, Miguel G. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. 2.ed. – Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.

AUGÉ, Marc. **Não Lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução Maria Lúcia Pereira – 9.ed. – Campinas/SP: Papirus, 2012.

BOSI, Ecléa. Memória da cidade: lembranças paulistanas. In: **Estudos avançados**. São Paulo, v.17, n.47, Jan/Abr 2003, p. 198-211. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000100012 Acesso em: 20 fev 2023.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Tradução de Diogo Mainardi-SP: Cia das Letras, 1990.

CARVALHO, Marcelo. Cidade-metrópole. In: ALVES, Luiz Roberto. CARVALHO, Marcelo (Orgs.). **Cidades – identidade e gestão**. São Paulo: Saraiva, 2009. p. 39-54.

CASSAB, Clarice. Da casa para a rua: a dimensão espacial da juventude. In: CAVALCANTI, Lana de Souza. CHAVEIRO, Eguimar Felício. PIRES, Lucineide Mendes. **A cidade e seus jovens**. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2015. p. 137-158.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Jovens escolares e sua geografia: práticas espaciais e percepções no/do cotidiano da cidade. In: CAVALCANTI, Lana de Souza. CHAVEIRO, Eguimar Felício. PIRES, Lucineide Mendes (Orgs.). **A cidade e seus jovens**. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2015. p. 13-29.

CAVALCANTI, Lana de Souza. A cidade ensinada e a cidade vivida: encontros e reflexões no ensino de Geografia. In: CAVALCANTI, Lana de Souza (Org.). **Temas da geografia na escola básica**. Campinas: Papirus, 2013. p. 65-93.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1 Artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22.ed. – Petrópolis/RJ: Vozes, 2014. .

CERTEAU, Michel de. GIARD, Luce. MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: 2 Morar, cozinhar. Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. 12.ed. – Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.

CORALINA, Cora. Minha cidade. In: CORALINA, CORA. **Poema dos becos de Goiás e estórias mais**. – 18ª ed. – Rio de Janeiro: Global, 1993. p. 47-48.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **A condição biográfica**: ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada. Tradução de Carlos Galvão Braga, Maria Conceição Passeggi, Nelson Patriota. Natal/RN: EDUFRRN, 2012.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Fotobiografia e formação de si. In: SOUZA, Elizeu C. de. ABRAHÃO, M. Helena. M. B. (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006. p. 105-117.

- DOMINICÉ, Pierre. A biografia educativa: instrumento de investigação para a educação de adultos. *In*: NÓVOA, A e FINGER, M. (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Tradução de Maria Nóvoa – 2ª ed. - Natal: EDUFERN, São Paulo: Paulus, 2014. p. 133-141.
- FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa** – um guia para iniciantes. Tradução de Magda Lopes. Porto Alegre/RS: Penso Editora Ltda, 2013. 256 p.
- FORMENTI, Laura. Identidade, relação e contexto: uma releitura epistemológica dos métodos biográficos. **Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade**. Salvador: UNEB – DEDC I, v. 22, n.40, p. 105-117., jul./dez. 2013. DOI: <https://doi.org/10.21879/faeeba2358-0194.2013.v22.n40.p105-117>
- GOMES, Paulo Cesar da Costa. **O lugar do olhar**: elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- HEIDEGGER, Martin. **Ensaaios e conferências**. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Foge, Márcia Sâ Cavalcante Schuback. – 8. ed. – Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012. 269 p.
- JOSSO, Marie-Christine. Os relatos de histórias de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento: destinos socioculturais e projetos de vida programados na invenção de si. *In*: SOUZA, Elizeu C. de. ABRAHÃO, M. Helena. M. B. (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006. p. 21-40.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. BAUER, Martin W. Entrevista Narrativa. *In*: BAUER, Martin W. GASKELL, George (editores). Tradução de Pedrinho A. Guareschi. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002. p. 90-113.
- LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. Tradução Rubens Eduardo Frias. SP: Centauro, 2001.
- LEITÃO, Lúcia. **Onde coisas e homens se encontram** – cidade, arquitetura e subjetividade. São Paulo: Anablume, 2014.
- LOIZOS, Peter. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. *In*: BAUER, Martin W. GASKELL, George (editores). Tradução de Pedrinho A. Guareschi. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002. p. 137-155.
- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. Tradução Jefferson Luiz Camargo, 3ª ed., São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- MACHADO, Antônio. Caminhante. *In*: **Poesias completas**. 14ª ed. Madri/Espanha: Calpe, 1973, p. 158. Disponível em: <http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=124695&cat=Poesias&vin-da=S>. Acesso em: 25 jan. 2023.
- MARANDOLA JR., Eduardo. Lugar enquanto circunstancialidade. *In*: MARANDOLA JR, Eduardo. HOLZER, Werther. OLIVEIRA, Livia de. (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 227-247.
- MASSEY, Doreen B. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Tradução Hilda P. Maciel, Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312 p.
- NÓVOA, Antônio. FINGER, Matthias (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Tradução de Maria Nóvoa – 2ª ed.- Natal/RN: EDUFERN, 2014.
- OLIVEIRA, Livia de. O sentido do lugar. *In*: MARANDOLA JR, Eduardo. HOLZER, Werther. OLIVEIRA, Livia de. (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 03-16.
- PASSEGGI, Maria da Conceição. SOUZA, Elizeu Clementino de. O Movimento (Auto)biográfico no Brasil: Esboço de suas configurações no campo educacional. *In*: **Revista Investigación Cualitativa**. Vol 2, nº 1, 2017, p. 6-26. DOI: <http://dx.doi.org/10.23935/2016/01032>.
- RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. *In*: MARANDOLA JR, Eduardo. HOLZER, Werther. OLIVEIRA, Livia de. (Orgs.). **Qual o espaço do lugar?** Geografia, epistemologia, fenomenologia. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 17-32.
- RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação**: o discurso e o excesso de significação. Tradução de Artur Morão.

Lisboa: Edições 70, LDA, 2009.

SACK, Robert David. O significado de territorialidade. In: DIAS, Leila Christina. FERRARI, Maristela (Orgs.). **Territorialidades Humanas e Redes sociais**. Florianópolis: Insular, 2013. p. 63-89.

SANTOS, Fábio Josué Souza. **Nem “tabaréu/ao”, nem “doutor/a”: o(a) aluno(a) da roça na escola da cidade** – um estudo sobre identidade e escola. [Dissertação de Mestrado] Salvador: UNEB, 2005. Disponível em: http://www.cdi.uneb.br/site/wp-content/uploads/2016/01/fabio_josue_souza_dos%20santos.pdf. Acesso em: 25 Jul 2023.

SANTOS, Lúcia Leitão. **Os movimentos desejantes da cidade**: uma investigação sobre processos inconscientes na arquitetura da cidade. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1998.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. 7.ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo** – Globalização e meio técnico-científico informacional. São Paulo: Hucitec, 1998.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado** – 5.ed. – São Paulo: Hucitec, 1997.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções sobre território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SCHALLER, Jean-Jacques. O lugar aprendente como criador da inteligência coletiva: da estratégia dos fluxos às táticas dos lugares. In: SOUZA, Elizeu Clementino de (Org). **Memória, (auto)biografia e diversidade**. Salvador: EDUFBA, 2011. p. 97-113.

SCHÜTZE, Fritz. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: WELLER, Wivian. PFAFF, Nicolle (Orgs.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação**. – 3ª ed. – Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2013. p. 210-222.

SEAMON, David. Lugarização vivida e a localidade do ser: um retorno à geografia humanística?. **Revista NUFEN**, Belém, v. 9, n. 2, p.

147-168, 2017. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912017000200012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 abr. 2023.

SILVEIRA, Maria Laura. Novos aconteceres, novas territorialidades. In: DIAS, Leila Christina. FERRARI, Maristela (Orgs.). **Territorialidades Humanas e Redes sociais**. Florianópolis: Insular, 2013. p. 39-62.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)biografia, identidades e Alteridade: modos de narração, escritas de si e práticas de formação na pós-graduação. **Revista Fórum Identidades**. Ano 2, v.4, jul-dez de 2008, p. 37-50. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/forumidentidades/article/view/1808> Acesso em: 28 abr. 2023.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Pesquisa narrativa e escrita (auto)biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In: SOUZA, Elizeu C. de. ABRAHÃO, M. Helena. M. B. (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006. p. 135-147.

SOUZA, Elizeu Clementino de. CRUZ, Núbia da Silva. Pesquisa (auto)biográfica: sentidos e implicações para o campo educacional. In: AMADO, João. CRUSOÉ, Nilma Margarida de C. (Orgs). **Referenciais Teóricos e Metodológicos de Investigação em Educação e Ciências Sociais**. Vitória da Conquista/BA: Edições UESB, 2017. p. 167- 194.

VAN GENNEP, Arnold. **Los ritos de paso**. Madrid: Alianza Editorial, 2008. 184 p.

WELLER, Wivian. Grupos de discussão: aportes teóricos e metodológicos. In: WELLER, Wivian. PFAFF, Nicolle (Orgs.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação**. – 3ª ed. – Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2013. p. 54-66.

Recebido em: 30/10/2023

Revisado em: 23/09/2024

Aprovado em: 28/09/2024

Publicado em: 25/10/2024

Hanilton Ribeiro de Souza é Doutor em Educação e Contemporaneidade, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Professor Adjunto da UNEB – DCH Campus V, vinculado ao GRAFHO e GEOREDE. E-mail: hirsouza@uneb.br